

FATORES DE RISCO NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E A RESILIÊNCIA: UM ESTUDO TEÓRICO

Josiane da S. Delvan¹
Ana Paula S. Becker²
Karoline Braun³

RESUMO

O objetivo deste artigo foi investigar na literatura especializada, quais são os fatores de risco ao desenvolvimento infantil e resgatar o conceito de resiliência. Desta forma, este estudo consistiu em uma abordagem qualitativa, de levantamento bibliográfico desenvolvido a partir do material teórico já existente na área, constituído principalmente por artigos científicos e livros sobre o tema. A partir disto, foram encontradas vinte e nove obras que englobam o tema de pesquisa, sendo quatro em língua inglesa. Constatase que há uma diversidade de conceitos sobre a resiliência bem como várias situações de riscos presentes na realidade brasileira, e que esses fatores raramente são eventos isolados, mas que fazem parte de um ambiente complexo.

Palavras-Chave: Desenvolvimento infantil; fatores de risco; resiliência.

RISK FACTORS IN THE DEVELOPMENT OF CHILDREN AND RESILIENCE: A THEORETICAL STUDY

ABSTRACT

The aim of this article was to investigate in the particular literature what are the risk factors to child development and redeem the concept of resilience. Thus, this study consisted of a qualitative approach, on a bibliographical development from the theoretical material that already exists in the area, and it consists primarily of scientific articles and books on the topic. From this, twenty-nine works that span the research topic were found, including four in English. We can conclude from the study that there is a variety of concepts about resiliency, as well as various situations of risk present in the Brazilian reality, and that these factors are seldom isolated events, being part of a complex environment.

Key-words: Child development; risk factors; resilience.

¹ Psicóloga, professora do curso de Psicologia do curso de Psicologia da Universidade do Vale do Itajaí – campus Itajaí.

² Acadêmica do curso de Psicologia do curso de Psicologia da Universidade do Vale do Itajaí – campus Itajaí.

³ Acadêmica do curso de Psicologia do curso de Psicologia da Universidade do Vale do Itajaí – campus Itajaí.

Introdução

Os estudos mais recentes sobre o desenvolvimento infantil enfatizam a importância de se examinar o contexto em que este ocorre e, em especial, o efeito da presença simultânea de múltiplos fatores de risco, tanto biológicos como ambientais. Estes estudos têm demonstrado que os cuidados prestados às crianças são conseqüências de muitos fatores, incluindo cultura, nível socioeconômico, estrutura familiar e características da própria da criança.

Há na literatura psicológica, uma constante associação entre a qualidade do ambiente e o desenvolvimento psicológico das crianças, e a importância de fatores de risco biológicos e sociais para o desenvolvimento infantil (Martins, 2004).

Neste contexto, surge a expressão “fatores de risco” que tem sido associada ao desenvolvimento humano. Segundo Haggerty, Sherrod, Gamely & Rutter (2002), vários autores procuraram definir e identificar esses fatores ou as adversidades, a fim de avaliar sua influência no desenvolvimento de crianças e principalmente para organizar intervenções voltadas à redução de problemas de comportamento nesta população.

Por fatores de risco, entende-se como sendo as variáveis ambientais ou contextuais que aumentam a probabilidade da ocorrência de algum efeito indesejável no desenvolvimento (Haggerty et al., 2002). Ou seja, os fatores de risco são aqueles que aumentam a probabilidade de um indivíduo apresentar comportamentos negativos e mal adaptados durante o seu desenvolvimento.

Entende-se por resiliência, o processo pelo qual o indivíduo consegue superar as adversidades, adaptando-se de forma saudável ao seu contexto. Deslandes & Junqueira (2003) afirmam que resiliência não é o oposto a risco, são conceitos diferentes, porém são aspectos complementares. Embora o enfoque de risco e resiliência sejam diferentes, percebê-los como um conjunto possibilita um enfoque global, permitindo maior flexibilidade e fortalecimento na aplicação dos conceitos em busca da promoção da saúde. Desta forma, acredita-se ser de fundamental importância relacionar fatores de risco e resiliência no processo de desenvolvimento infantil.

Neste artigo, o objetivo foi investigar na literatura especializada, quais são os fatores de risco ao desenvolvimento infantil e resgatar o conceito de resiliência.

Método

Este estudo consistiu em uma abordagem qualitativa, de levantamento bibliográfico desenvolvido a partir do material teórico já existente na área, constituído principalmente por artigos científicos e livros sobre o tema. Foram seguidos os seguintes procedimentos para o levantamento das fontes bibliográficas, seleção e análise do material encontrado:

a. Inicialmente, foi realizado um levantamento de dados bibliográficos na literatura especializada sobre o tema de pesquisa. A fonte para o levantamento de dados e a busca de material constituiu-se de meios disponíveis como: navegadores da *web*, bases de dados e bibliotecas. Em levantamento realizado nas bases de dados SCIELO, LILACS e banco de teses em busca de fatores de risco ao desenvolvimento infantil, foram encontrados vinte e quatro obras que englobam tema de pesquisa, sendo três em língua inglesa. Este levantamento considerou os trabalhos publicados entre os anos de 2000 a 2007.

b. Em um segundo momento, com o material já coletado, foram realizadas leituras explanatórias dos materiais levantados. A leitura explanatória foi realizada de forma direcionada e objetiva ao material útil para a pesquisa, e aconteceu através da leitura dos resumos, das palavras – chave: desenvolvimento infantil, fatores de risco e resiliência, tendo auxílio do referencial teórico. Isto serviu para selecionar o material que seria utilizado na pesquisa.

c. Posteriormente à seleção do material, foi realizada uma leitura analítica que teve a finalidade de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes de forma que possibilitassem a obtenção de respostas ao problema de pesquisa.(Gil, 1991).

d. Como a última etapa de realização da pesquisa é a mais complexa, foi realizada a leitura interpretativa, procurando relacionar o material bibliográfico selecionado para o estudo.

Fatores de Risco ao Desenvolvimento Infantil

Inicialmente o conceito de risco estava associado ao modelo biomédico, sendo freqüentemente relacionado ao termo mortalidade. Hoje, existe um consenso entre os pesquisadores com relação a sua definição, que se referem a uma variável que aumenta a probabilidade do indivíduo adquirir determinada doença quando exposto a ela. (Grunspun, 2006).

Foi a partir da década de 80, que o termo foi associado aos estudos sobre desenvolvimento humano, os quais se procuravam definir e identificar os fatores de risco ou as adversidades, a fim de avaliar sua influência no desenvolvimento de crianças e adolescentes e, principalmente, para organizar intervenções voltadas à redução de problemas de comportamento nessa população (Haggerty et al., 2002).

Conforme apontam os autores Yunes e Szymanski (2001, p. 42), fatores de risco podem ainda ser definidos como “toda a sorte de eventos negativos da vida, e que, quando presentes, aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais”. Já para Grunspun (2002) este conceito pode ser entendido como os fatores presentes no ambiente econômico, psicológico e familiar que possuem grande probabilidade de causar danos sociais evidentes.

Deste modo, Rutter (citado por Yunes & Szimansky, 2001) afirma que o termo “mecanismos de risco” ao invés de “fatores de risco”, define melhor o fenômeno abordado, mostrando que um mesmo evento pode assumir características tanto positivas quanto negativas, dependendo do contexto onde ocorre. Riscos ou adversidades são variáveis ambientais ou contextuais que aumentam a probabilidade da ocorrência de algum efeito indesejável no desenvolvimento (Haggerty et al., 2002). Ou seja, os fatores de risco são aqueles que aumentam a probabilidade de um indivíduo apresentar comportamentos negativos e mal adaptados durante o seu desenvolvimento.

Podem-se relacionar os fatores de risco no que condiz ao desenvolvimento infantil, todas as formas de violência doméstica, por exemplo: a violência física, sexual, psicológica, sendo que esta inclui à exposição da violência conjugal, como também, a negligência. (Maya & Williams, 2005). Nesta reflexão, os fatores de risco que representam maior defasagem para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, onde posteriormente podem comprometer a trajetória de vida tanto na adolescência como na fase adulta, refere-se ao abuso e a negligência. Estes fatores causam efeitos profundamente negativos ao curso de vida do indivíduo. Pois, de acordo com a

literatura, as conseqüências do abuso e da negligência podem incluir comprometimentos nas áreas da cognição, linguagem, desempenho escolar e sócio-emocional. As crianças maltratadas de modo geral, apresentam déficit em suas habilidades de manter afeto e no comportamento habitual. (Formosinho & Araújo, 2002).

Conforme apontam Aiello & Buonadio (2003), outros fatores de risco encontrados na literatura remetem aos pais portadores de deficiência mental, e de acordo com os estudos de Fox e Benson (2003), a baixa escolaridade dos pais, as famílias numerosas, ausência de um dos cuidadores, depressão materna e abuso de drogas vivenciados pelos pais, que interferem prejudicialmente no desenvolvimento psicológico das crianças. Nesta perspectiva, é importante considerar também, que fatores associados à gravidez podem se tornar preditivos como fatores de risco, quando ocorrem nas seguintes circunstâncias: gravidez de pais adolescentes sem suporte social, gravidez não planejada e/ou não desejada, gravidez de risco, depressão na gestação e falta de acompanhamento pré-natal, bem como pai/mãe com múltiplos parceiros e expectativas demasiadamente altas ou irrealistas em relação à criança e casos de prostituição. (Barnett, citado por Maya & Williams, 2005).

Outro fator encontrado como de risco no desenvolvimento infantil, reporta-se a pobreza, pois esta inclui todo um ambiente de estresse gerando problemas situacionais que comprovadamente comprometem o desenvolvimento humano. (Maya & Williams, 2005). Nesta analogia, Grunspun (2008) verifica esta situação de risco é a mais recorrente na realidade brasileira, onde viver nas ruas ou ser inserido prematuramente no mercado de trabalho significa muitas vezes, um regime de semi-escravidão, conseqüente em alguns casos, de condições subumanas após atos infracionais. Portanto, é notável que o crescimento de crianças em situação de pobreza é uma ameaça ao bem-estar e uma limitação de oportunidades ao desenvolvimento. Neste sentido, a pobreza não é uma variável unitária, mas um conjunto de condições e eventos desfavoráveis que se enlaçam e se acumulam. (Koller, Poletto & Wagner, 2004)

É possível considerar ainda que os aspectos tais como a doença, os preconceitos de todos os tipos, a fome, a negligência e a violência doméstica, como já foi discorrido e os maus-tratos em crianças, caracterizam um cenário de fatores de risco que podem comprometer o desenvolvimento humano. Raramente esses fatores de risco são eventos isolados. Geralmente fazem parte de um ambiente complexo, e quando interligados, constituem-se um mecanismo que age influenciando o indivíduo (Grunspun, 2006).

Concomitantemente aos fatores de risco estão os fatores designados como de proteção que de acordo com Cyrulnik (citado por Silva, 2003) são características preponderantes como: o temperamento da criança, tido como flexível, confiante e capaz de buscar ajuda exterior; um contexto afetivo no qual a criança vive seus primeiros anos; o clima familiar que aporte a segurança necessária para que desenvolva a confiança em si mesma e nos outros.

Segundo o referido autor, esses fatores têm um caráter complementar, uma vez que, isoladamente, eles não garantem uma evolução resiliente. Uma criança que vive em condições de risco, mesmo tendo um temperamento que favoreça as interações com outras pessoas e o ambiente, poderá seguir uma evolução resiliente em uma família ou em uma sociedade, mas em outra criança isso pode não acontecer.

Sendo assim, também é importante elencar neste estudo o conceito de vulnerabilidade que segundo Molinari, Silva e Crepaldi (2005), juntamente com os mecanismos de proteção, a mesma relaciona-se a mudanças na resposta da pessoa à situação de risco, e são, portanto, os pólos negativo e positivo do mesmo conceito.

Enquanto vulnerabilidade visa à reação à situação de risco, o mecanismo de proteção tende amenizar esta resposta. Rutter, (citado por Molinari et al, 2005) afirma que o efeito de ambas é indireto e dependente de algum tipo de interação, sendo evidente somente em combinação com o fator de risco.

O Conceito de Resiliência

Ainda na década de 80, e segundo Haggerty et al. (2002), proliferaram estudos sobre resiliência, os quais passaram a focalizar o risco para desenvolver programas de prevenção e intervenção baseados não apenas em indicadores isolados, mas em mecanismos que ligam múltiplas variáveis. Nesta perspectiva, ao investigar o conceito de resiliência na literatura psicológica, percebe-se que é um construto inserido na Psicologia Positiva e que é um fenômeno que vem sendo recentemente estudado no Brasil.

Nos últimos 20 anos, o tema resiliência vem conquistando espaço nos círculos acadêmicos de Psicologia, sendo discutido nos encontros internacionais, especialmente sobre a criança e o adolescente (Yunes & Szimansky, 2001).

Originariamente, o termo resiliência vem da Física e Engenharia e é definido como a capacidade de um material para absorver energia sem sofrer deformação plástica permanente. Nas ciências sociais e da saúde, o conceito não é tão preciso quanto na Física e Engenharia, porém é definido como a capacidade humana de superar as adversidades. Para as ciências humanas, resiliência é definida como a capacidade que alguns indivíduos apresentam de superar as adversidades da vida (Yunes & Szimansky, 2001; Taboada, Legal & Machado, 2006).

Conforme definem Deslandes e Junqueira (2003), resiliência é a capacidade do ser humano superar as adversidades da vida e de ser transformado positivamente por elas; remete a capacidade das pessoas que desenvolvem competências, apesar de terem sido criadas em condições adversas ou circunstâncias que aumentam as possibilidades desses indivíduos apresentarem patologias mentais ou sociais.

Assim como os autores anteriormente citados, Grunspun (2008) também define a resiliência como “a capacidade humana de se recuperar e se superar, ou ser imune psicologicamente quando é submetido à violência de outros seres humanos ou a estresses das catástrofes da natureza”. (p.61). Ele complementa que ser resiliente é o resultado do conhecimento dos riscos, de sua intensidade e duração, e dos fatores de proteção que o sujeito descobre dentro de si, na família e no ambiente.

Os autores supracitados ainda definem resiliência como a possibilidade de superação num sentido dialético, isto é, representando um novo olhar, uma re-significação do problema, mas que não o elimina, pois este constitui parte da história do sujeito. Ou seja, com relação à superação, a resiliência seria a capacidade do indivíduo de superar os próprios limites diante de uma situação de risco.

Com relação à adaptação, o conceito de resiliência estaria pautado no equilíbrio a ser mantido pelo sujeito, sem o surgimento de habilidades específicas, que no processo de superação retrata uma série de características referentes ao indivíduo e ao seu contexto. Com isso, observa-se como o indivíduo ajustou-se às expectativas gerais determinadas pela sociedade, nas quais o ajustamento / adaptação constituir-se-ia como um fim em si mesmo. Não implica em uma superação, um processo no qual o indivíduo adquire novas competências, mas apenas que se ajusta na crise (Taboada et al., 2006).

Desta forma, a resiliência é uma capacidade de um indivíduo, grupo ou comunidade de superar as adversidades. Situações como ameaças, sofrimentos, perigos, fatores de risco, são considerados por alguns autores como “experiências estressantes” ou “condições adversas”. (Pereira, 2001). Porém, tal capacidade é um processo que se desenvolve ao longo da vida, pois é adquirido pela educação e experiência das dificuldades ultrapassadas.

Portanto, as situações adversas capacitariam o indivíduo a manejar de maneira mais satisfatória as futuras situações de estresse, pois “uma situação de sofrimento ou conflito pode fortalecer o indivíduo diante de outras situações semelhantes, gerando-lhe um menor nível de estresse” (Deslandes & Junqueira, 2003, p.227). Assim, existe uma relevância no modo de se lidar com o estresse no desenvolvimento do indivíduo. O conceito de resiliência traz justamente essa possibilidade de entendermos o estresse como grande oportunidade de crescimento e fortalecimento pessoal.

Contudo, Slap (2001) nos lembra que, a resiliência não é o oposto a risco e não pode ser vista como um fator de proteção específico, pois tal visão a encaixaria num modelo de patologia. Ainda define a resiliência a partir da interação de quatro elementos (fatores individuais, contexto ambiental, acontecimentos ao longo da vida e fatores de proteção), que compõe um "banco de recursos" para proteger o sujeito de danos e lhe possibilita bem-estar. O desafio à pesquisa e às ações de promoção de saúde é, portanto, entender como se compõe cada elemento desse "banco" e qual interação entre eles levaria à resiliência em cada situação particular.

Yunes (2006) tem apontado que as pesquisas mais recentes indicam que a resiliência é relativa, uma vez que suas bases são tanto constitucionais como ambientais, e que o grau de resistência não tem uma quantidade fixa, mas varia de acordo com as circunstâncias.

Munist (citado por Deslandes & Junqueira, 2003) ressalta que, embora o enfoque de risco e a resiliência sejam diferentes, são aspectos complementares. Percebê-los como um conjunto possibilita um enfoque global, permitindo maior flexibilidade e fortalecimento na aplicação dos conceitos na promoção da saúde. Sendo assim, nos deparamos com uma variedade de definições voltadas para esse construto, revelando que o conceito encontra-se em fase de construção.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo investigar na literatura especializada, quais são os fatores de risco ao desenvolvimento infantil e resgatar o conceito de resiliência. Portanto, foi constatado que a resiliência é um construto relativamente novo na Psicologia e poucas são as publicações que o relacionam com o desenvolvimento infantil. Vários conceitos foram encontrados e pode-se perceber que a definição de resiliência se sustenta através de outros conceitos como adaptação / superação e ajustamento, estresse, fatores de risco e proteção, vulnerabilidade, entre outros. Contudo, pode-se observar que existe pouco consenso entre os autores, podendo o conceito de resiliência variar desde a capacidade inata que acompanha e protege o desenvolvimento, bem como uma habilidade adquirida que o sujeito apresenta frente às situações adversas.

Nesta perspectiva foi percebido também, que o enfoque de vulnerabilidade tende a direcionar o indivíduo para os prejuízos, focalizando os riscos, os danos, as perdas, os

problemas e as dificuldades, enquanto o enfoque da resiliência tende a promover o indivíduo, que teria mais determinação e caminharía em direção à saúde.

De acordo com esta análise é possível verificar na literatura o exercício de duas forças opostas sobre as pessoas: de um lado as ameaças, o sofrimento, os perigos, os fatores de risco, o que vários autores chamaram de condições adversas ou experiências estressantes, ou seja, tudo o que torna o indivíduo vulnerável; e do outro lado estariam a competência, o sucesso, a capacidade de enfrentar, resistir, adaptar, reagir, isto é, o que as torna resilientes.

Isto ocorre pelo fato de existir uma relevância no modo de se lidar com o estresse no desenvolvimento do indivíduo. Como já foi discutido, o conceito de resiliência traz justamente essa possibilidade de entendermos o estresse como grande oportunidade de crescimento e fortalecimento pessoal. Porém, é preciso encontrar um equilíbrio entre proteger as crianças de riscos e proporcionar-lhes as oportunidades de desenvolvimento necessárias para a promoção de resiliência. Ou seja, expô-las aos eventos estressantes e capacitando-as a lidar com eles.

Não obstante se possa omitir que o conceito de resiliência está intimamente relacionado aos fatores de risco ao qual o sujeito está exposto ao longo do seu processo de desenvolvimento; realizar este estudo nos impulsiona para as possibilidades de superação frente às situações de doença, violência, miséria, entre outras variáveis, apontadas na literatura pesquisada. Pesquisar sobre a resiliência é, portanto, ver a possibilidade de quebra de previsões e de expectativas frente à continuidade desses problemas.

Referências Bibliográficas

- Aiello, A.L.R. & Buonadio, M.C. (2003). *Mães com deficiência mental: O retrato de uma população esquecida*. In M.C. Marquezine, M.A. Almeida, S. Omote & E.D.O.
- Tanaka (Org.). *O papel da família junto ao portador de necessidades especiais*. (pp. 131-146). Londrina: Eduel.
- Deslandes, S.F. & Junqueira, M.F.P. (2003). Resiliência e maus tratos à criança. *Cad. Saúde Pública*, 19 (1), 227-235.
- Formosinho, J.O. & Araújo, S.B. (2002). Entre o risco biológico e o risco social: um estudo de caso. *Educação e Pesquisa*, 28 (2), 87-103.
- Fox, G.L. & Benson, M.L. (2003). Children in violent households: risk and protective factors in family and neighborhood contexts. *II Congresso Internacional de Violência na Infância e na Família*. República Tcheca.
- Gil, A.C. (1991). *Como elaborar projetos de pesquisa*, 3^o ed. São Paulo: Atlas.
- Gruspun, H. (2008). A criança resiliente – Resiliência e vulnerabilidade na criança. In B.F. Assumpção Júnior e Kuczynski E. (Org.). *Situações Psicossociais na infância e na adolescência*. (pp. 61-90). São Paulo: Atheneu.

- Grunspun, H. (2006). *Criando filhos vitoriosos: quando e como promover a resiliência*. São Paulo: Atheneu.
- Grunspun, H. (2002). Violência e resiliência: a criança resiliente na adversidade. *Revista Bioética*. [on-line], v. 10, n. 9 [Acessado em 12 de março de 2008], p. 163-171. Disponível em: <http://www.portalmedico.org.br/revista/bio10v1/seccao4.pdf>.
- Haggerty, R.J., Sherrod, L.L., Gamely, N. & Rutter, M. (2002). *Stress, risk and resilience in children and adolescents: process, mechanisms and interventions*. New York: Cambridge University Press.
- Koller, S.H., Poletto, M. & Wagner, T.M.C. (2004). Resiliência e Desenvolvimento Infantil de Crianças que Cuidam de Crianças: Uma Visão em Perspectiva. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (3), 241-250
- Maia, J.M.D. & Williams, L.C.A. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas em Psicologia*, 13 (2), 91-103.
- Martins, M.F.D. et al. (2004). Qualidade do ambiente e fatores associados: um estudo em crianças de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. [on-line], v. 20, n. 3 [citado em 15 de setembro de 2007], p. 710-718. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n3/07.pdf>.
- Molinari, O.S.J, Silva C.M.F.M & Crepaldi, A.M. (2005). Saúde e desenvolvimento da criança: a família, os fatores de risco e as ações na atenção básica. *Psicologia Argumento*, 23 (43), 17-26
- Pereira, A.M.S. (2001). Resiliência, personalidade, *stress* e estratégias de *coping*. In J. Tavares (Org.). *Resiliência e educação*, 2^o ed. (pp. 77-94). São Paulo: Cortez.
- Silva, M.R.S. (2003). *Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Slap, G. (2001). Conceitos atuais, aplicações práticas e resiliência no novo milênio. *Adolescência Latinoamericana*, 2 (3) 173-176.
- Taboada, N.G., Legal, E.J. & Machado, N. (2006). Resiliência em busca de um conceito. *Revista Brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 16 (3) 104-113.
- Yunes, M.A.M. (2006). Os discursos sobre a questão da resiliência: expressões e consequências para a promoção do desenvolvimento saudável. In D. Colinaux, L.B. Leite & D.D.D. Aglio. (Org.). *Psicologia do Desenvolvimento: teorias, pesquisas e aplicações* (pp. 225-246). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Yunes, M.A.M. & Szymanski, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Org.). *Resiliência e educação, 2º ed.* (pp. 13-42). São Paulo: Cortez.

Endereço Para Contato:

Josiane da Silva Delvan

Rua: Uruguai, 458

Itajaí – SC

Cep: 88302-202

E-mail: josidelvan@univali.br

Recebido em 20/06/2010.

Aceito para publicação em 04/10/2010.